

***A Habilitationsschrift de Heidegger: As Categorias e a doutrina da significação em Duns
Escoto***

Maria Manuela Brito Martins
Universidade Católica Portuguesa
mbmartins29@gmail.com

Resumo: Objetivo do nosso artigo consiste, em primeiro lugar, contextualizar e explicar o *Scotusbuch* como ponto de partida de reflexão sobre os motivos que levaram Heidegger a interessar-se pela especulação escolástica medieval, num dos seus primeiros trabalhos académicos. Pretendemos, sobretudo, mostrar como o projeto da sua *Habilitationsschrift* pode nos esclarecer sobre a génese do pensamento de Heidegger, bem como nos permite avaliar a importância desse trabalho para a génese e evolução do pensamento de Heidegger. Em seguida, efetuamos uma leitura da primeira parte do *Scotusbuch*, expondo alguns traços essenciais sobre as categorias, no quadro formal da especulação escotista, concentrando-se a nossa análise na questão do Categorical em chave de leitura lógica, ontológica e teoria da significação.

Palavras-chave: Habilitationsschrift, Categorias, Doutrina da Significação

Abstract: *The aim of our study is, at first, to explain the framework of the Scotusbuch as a starting point for reflection on the reasons that lead Heidegger interest in the medieval scholastic speculation, in one of his early academic work. We intend, above all, show how the design of your Habilitationsschrift it can us shed light on the genesis of Heidegger's thought, and allows us to assess the significance of this to the genesis and evolution of Heidegger's thought. Then, we make a reading of the first part of Scotusbuch, exposing some essential features of the categories in the formal framework of Scotus speculation by focusing our analysis on the issue of Categorical Key logical reading, and ontological theory of meaning.*

Key-words: *Habilitationsschrift, Categories, Theory of meaning*

Introdução

É no centenário da publicação da *Habilitationsschrift* de Martin Heidegger, *Die Kategorien- und Bedeutungslehre des Duns Scotus - As categorias e a doutrina da significação de Duns Escoto*— que este estudo se situa. Na verdade, esse *Tratado* foi publicado em 1916, e foi a tese de *Habilitation* de Heidegger, iniciada sob a orientação de Heinriche Fink, mas tendo sido, finalmente, dirigida sob as orientações do *Doktorvater* Heinriche Rickert, a quem Heidegger dedica o seu trabalho¹. Estamos, portanto, a celebrar os cem anos da sua publicação, que teve uma primeira edição, em 1916².

Um dos escopos principais do nosso estudo consiste, em primeiro lugar, em contextualizar a tese de *Habilitation* (agregação) de Heidegger, de forma a podermos compreender as razões pelas quais, tem sido, até há relativamente pouco tempo, um trabalho esquecido, por parte, quer dos intérpretes da obra de Heidegger, quer mesmo por parte dos que estudam a recepção da obra escotista, na época contemporânea. De seguida, efectuar uma leitura da primeira parte do *Scotusbuch*, expondo alguns traços essenciais da sua interpretação sobre as categorias, no quadro formal da especulação escotista. Para isso, o nosso maior esforço vai concentrar-se, na medida do possível, na justificação do carácter inovador da interpretação de Heidegger sobre a

¹ OTT. *Martin Heidegger*. *Eléments pour une biographie*, p. 86.

² HEIDEGGER. *Die Kategorien- und Bedeutungslehre des Duns Scotus*. Tübingen: J. C. Mohr, 1916. Esse texto foi publicado com a 'adição' de uma conclusão, um ano após a sua realização. Esse mesmo texto foi retomado nas obras completas de Heidegger. *Frühe Schriften*, Bd. 1. Frankfurt, V. Klostermann, 1972. Doravante a obra será citada de forma abreviada. Quando citamos utilizamos geralmente a tradução francesa, mas, ajustaremos a tradução, sempre que for necessário, em função do texto alemão e da língua portuguesa.

obra de Duns Escoto. Na verdade, o nosso contributo integra-se no âmbito do volume monográfico da **Revista Sofia** dedicado à Filosofia Medieval, organizado pelo professor Jorge Augusto da Silva Santos. Queremos, por este facto, assinalar o quanto nos congratulámos com esta efeméride, pois julgamos bastante oportuna e necessária. De facto, o nosso tema de estudo poderia ter como subtítulo, “Heidegger e Duns Escoto” ou ainda “Heidegger e os Medievais”, dando assim cumprimento a um ensejo bem mais amplo do que aquele a que nos limitamos por ora, ao estudo do tratado de Heidegger sobre as *categorias e a doutrina da significação em Duns Escoto*. Com efeito, um dos interesses mais significativos da análise do *Scotusbuch* poderá ser o de permitir assim uma maior divulgação junto dos leitores de língua portuguesa, já que muito recentemente se tem assistido a um crescente interesse sobre a tese de agregação (*Habilitationsschrift*) e os primeiros cursos dados pelo jovem Heidegger em Friburgo, e que a sua recepção, realizado no último decénio do século XXI, é ainda pouco divulgada no mundo lusófono. Dai a importância deste volume que lhe é dedicado.

1 Os motivos para um *Scotusbuch*

O estudo denso e profundo de Heidegger sobre Duns Escoto não tem merecido, até há relativamente pouco tempo, grande atenção nos estudos académicos. John Caputo dava conta disso mesmo, ainda no século XX, num artigo dedicado à *Habilitationsschrift* afirmando, que, até àquela data, em 1974, nenhum estudo explícito tinha sido feito sobre esse trabalho, apesar de o referirem de forma implícita e casual em alguns deles³. Mais recentemente, Sylvan Camilleri confessa que o estudo de Heidegger sobre o tratado medieval foi, por um lado, objecto de controvérsias pouco construtivas, e por outro, votado ao esquecimento, quando se trata de perceber o percurso do pensamento do filósofo alemão, a partir dos seus primeiros trabalhos. Para este estado da situação contribuíram, segundo Camilleri, dois motivos históricos essenciais⁴: 1) o desinteresse demonstrado nos estudos escotistas e, mormente, nos estudos heideggerianos, sobre o seu trabalho académico de 1915, a respeito da doutrina das categorias e da significação, mais propriamente, sobre a *Grammatica speculativa* de João Duns Escoto (ca. 1265/66-1308). Para isto, muito contribuiu o facto de que a obra em causa foi falsamente atribuída a Duns Escoto, quando na verdade, o texto pertence a Thomas de Erfurt, que viveu no primeiro quartel do século XIV. A identificação do autor da obra foi realizada por Martin

³ CAPUTO. *Phenomenology, Mysticism and the “Grammatica Speculativa”*: A study of Heidegger’s “Habilitationsschrift”, p. 101.

⁴ CAMILLERI. *Phénoménologie de la religion et herméneutique théologique dans la pensée du jeune Heidegger*, pp. 6-7.

Grabmann⁵; 2) a “acusação” levantada por um dos seus mais importantes biógrafos, Hugo Ott, sobre a ideia de um certo “oportunismo”, aproveitado por Heidegger, nessa época, relativamente à sua carreira académica e profissional⁶, tendo suscitado um certo preconceito e desinteresse, dando a ideia de que é uma obra de ‘ocasião’, sem mais. Por esta razão, vamos, em primeiro lugar, abordar estes dois aspectos e só depois abordaremos a primeira parte da tese d’*Habilitation* de Heidegger.

1.1 A recepção do *Scotusbuch* nos estudos Escotistas e heideggerianos

As palavras de Martin Grabmann contrariam a opinião geral de que o trabalho de Heidegger seja, quer insignificante, quer irrelevante, na medida em que é um estudo singular e inovador, com uma chave de leitura que actualiza o pensamento de Duns Escoto⁷. Embora seja, aparentemente, esquecido pelos comentaristas de Heidegger, não deixa de ser importante e significativo, quer para o conhecimento do problema fundamental da filosofia, como é o das categorias e do seu significado, quer para os estudos sobre Duns Escoto⁸. Na verdade, o trabalho de Heidegger sobre o *Doctorsubtilis* encontrou algum eco nos estudos do ilustre medievalista alemão, que manifestou a seguinte opinião esclarecedora:

Além deste conhecimento histórico, o valor destas Sumas do *modus significandi* presta-se também a uma actualização científica na medida em que, nos nossos dias encontramos paralelismos com E. Husserl, A. Marty e outros. Antes de tudo, M. Heidegger já na sua monografia, anteriormente referida, sobre A Doutrina das categorias e da significação em Duns Escoto, trouxe a *Grammaticaspeculativa* para o mundo actual, tendo sido considerada por ele, como uma obra de Escoto; ele conseguiu, no seu desenvolvimento reflexivo, em íntima conexão com problemáticas paralelas às dos tempos modernos, revestir o esqueleto dos textos medievais com carne e sangue da filosofia viva contemporânea. Heidegger compreendeu e foi capaz de incluir o autor medieval no modelo da filosofia de Husserl, na terminologia da fenomenologia. Ele pode também socorrer-se do texto de Lotze que poderia ser chamado de uma tradução explicativa de curtas frases de Duns Escoto.⁹

⁵ Grabmann no seu estudo: *Die Entwicklung der Mittelalterlichen Sprachlogik*, refere que, após uma investigação sobre a tradição manuscrita da *Grammaticaspeculativa* chegou à descoberta da identificação do autor, após ter lido na obra de J. E. Sandys, em *A History of classical Scholarship*, p 642, que o tratado medieval *De modis significandi* tinha sido atribuído na época medieval, quer a Tomás de Aquino, quer a Tomás de Erfurt, quer a Duns Escoto, e ainda, a Alberto da Saxónia, um século posterior.

⁶ OTT, Martin Heidegger: *Unterwegs zu einer Biographie* (trad. franc.: Martin Heidegger. *Eléments pour une biographie*).

⁷ Isidoro Manzano, no seu artigo *L’Habilitationsschrift de M. Heidegger sobre Escoto*, p. 306, declara que Etienne Gilson também consultou o estudo de Heidegger sobre Duns Escoto e a citou na sua obra *Jean Duns Scot*, mas a sua citação, na página 466, revela contudo, um saber superficial sobre a obra de Heidegger.

⁸ USCATESCU. “Ecos de Duns Escoto en Heidegger y en el pensamiento contemporáneo”, p. 544.

⁹ GRABMANN, *Mittelalter Geistesleben*, p. 145-146. Grabmann já tinha mencionado as obras de A. Marty e de E. Husserl, nas pp. 105-106: A. Marty: *Über das Verhältnis von Grammatik und Logik*, Abhandlung in den *Symbolae Pragenses* (Prag 1893); E. Husserl, *Logische Untersuchungen II 1* (Halle, 1913). De fato, é o próprio Heidegger que refere que utiliza extratos da obra de Lotze, e que Grabmann cita acima: cf. GA, Bd. 1, p. 309.

De facto, para contrariarmos a crítica e a desmotivação daqueles que consideram a obra de Heidegger sobre o tratado das categorias em Duns Escoto, como desprovido de interesse, na medida em que se debruça sobre uma obra que nem sequer é de Duns Escoto, enganam-se completamente porque, de facto, uma grande parte do trabalho é a partir da obra de Escoto e não de Tomás de Erfurt. Como refere Olivier Boulnois o comentário heideggeriano à *Grammaticas speculativa* ocupa um lugar bem mais reduzido no estudo de Heidegger¹⁰, estando concentrada, essencialmente, na segunda parte do trabalho, mais particularmente, no último capítulo do ensaio. Com efeito, verifica-se que Heidegger explana em larga medida, e em geral, uma grande parte da obra de Duns Escoto, recorrendo à *Ordinatio*, ao *Comentário à Metafísica*, aos *Quodlibeta*, ao tratado *De rerum principio*, às *Reportata*, às *Questões sobre os Predicamentos*, e os demais comentários de Duns Escoto ao *Organon* de Aristóteles, às *Questões sobre os livros da Física* e às *Questões sobre os Universais de Porfírio*, na edição de Wadding-Vivés. Tendo em conta o largo espectro das obras escotistas, respigadas no trabalho de Heidegger, a crítica torna-se injustificável. E ainda muito menos injustificável quando sabemos que a crítica histórica textual aplicada à obra de Duns Escoto foi tardiamente iniciada, apenas nos anos vinte do século XX, tal como afirma Ludger Honnefelder¹¹. Por outro lado, nos estudos de filosofia medieval e até mesmo nos estudos escotistas havia ainda um caminho a percorrer, para ultrapassar os preconceitos doutrinários relativamente a Duns Escoto.

As palavras de Grabmann, escritas em 1920¹² ou 1922¹³, dão credibilidade ao trabalho de Heidegger e confirmam o valor da interpretação, que se distingue, particularmente, na atualização do pensamento de Duns Escoto, apesar da análise se focalizar no quadro geral de uma *Grammaticas speculativa*¹⁴ como base de uma doutrina da significação que, como veio a ser demonstrado por Grabmann, é um texto do pseudoEscoto, ou seja, de Tomás de Erfurt, um autor do século XIV, na linha do pensamento escotista e da lógica modal¹⁵. Mais recentemente,

¹⁰ BOULNOIS. “Entre logique et sémantique. Heidegger lecteur de Duns Scot”, p. 278.

¹¹ HONNEFELDER, “Die Rezeption des scotischen Denkens im 20. Jh.”, p. 232: “In der mit der Neuscholastik des 19. Jh. Einsetzen der historischen Erforschung der Theologie und Philosophie des Mittelalters hat das Denken des Scotus erst spät in angemessene und seiner Bedeutung entsprechende Beachtung gefunden. Die Ursachen waren sowohl die Mängel der Textgestalt, in der seine Werke überliefert waren, als auch die dogmatischen Vorurteile, die einer unbefangenen Interpretation lange Zeit im Wege standen”.

¹² CAMILLERI, *Phénoménologie de la religion et herméneutique théologique*, p. 6. De facto, Martin Grabmann efetuou uma conferência em Münster na sociedade filológica em 19 de Dezembro de 1920, subordinada ao tema: “Die Entwicklung der mittelalterlichen Sprachlogik” e que será publicada em *Mittelalterliches Geistesleben*, em 1926.

¹³ BOULNOIS, “Entre logique et sémantique: Heidegger lecteur de Duns Scot”, p. 265.

¹⁴ Essa *grammaticas speculativa* aparece logo à cabeça das obras de Duns Escoto e que colocámos no final. No entanto, Heidegger utilizou também o tratado *Grammaticas speculativae*, em edição separada que referenciámos no final.

¹⁵ Grabmann descreve ainda nas pp. 120- 121, *Die Entwicklung der mittelalterlichen Sprachlogik*, que, como o estudo penetrante de M. Heidegger não colocasse a questão da autoria do tratado, a sua investigação levou-o, entretanto,

alguns estudos heideggerianos confirmam o interesse deste trabalho académico e a sua pertinência¹⁶, numa linha de compreensão que o incluem numa leitura da “fenomenologia escotista”¹⁷, ainda que nem todos sustentem a ideia de que o projecto que animava Heidegger em 1915, tenha tido continuidade numa fase posterior do seu pensamento, como por exemplo a da “hermenêutica da facticidade”¹⁸.

O interesse demonstrado por Heidegger, pelo pensamento escolástico, no seu percurso académico, em Friburgo, é ainda reforçado quando o filósofo alemão escreve, em 7 de Janeiro de 1917, ao ilustre medievalista, por intermédio do teólogo Engelbert Krebs. De facto, este último tinha estado com Grabmann e tinha-lhedado a conhecer a tese de agregação de Heidegger, tendo o próprio Engelbert Krebs lido, em primeira mão, o texto diante de Heidegger, ainda em estado de manuscrito¹⁹. É na sequência desta relação familiar e académica com Krebs, que tornou possível o contacto de Heidegger com Grabmann, quando aquele escreve ao professor da cadeira de filosofia cristã, em Viena, para lhe falar da sua tese de *Habilitation*, aproveitando a ocasião para realçar o trabalho desenvolvido por Grabmann no âmbito dos estudos de filosofia escolástica medieval. Ademais, Heidegger agradece o incentivo que Grabmann lhe dá, para continuar, posteriormente, com mais estudos sobre a escolástica e a mística medieval²⁰. O jovem filósofo manifesta ainda o intento de se focalizar “numa confrontação entre uma filosofia do valor e a fenomenologia (*auf eine Auseinandersetzung mit Wertphilosophie und Phänomenologie von innen herausabzielt*)”²¹. Esta ideia é corroborada exemplarmente com o que afirma na *introdução* ao seu tratado sobre o autor franciscano, apontando para outro possível trabalho, num futuro próximo, e num alcance tal, que o conteúdo sistemático da Escolástica medieval, se torne evidentemente manifesta²². Na verdade,

a descobrir o autor. Grabmann efetua, nas páginas seguintes, uma descrição exaustiva dos vários manuscritos existentes nas diversas bibliotecas europeias e faz uma história do surgimento e do desenvolvimento da *Grammaticaspeculativa*. Segundo o ilustre medievalista o exemplo mais antigo, no século XIII, dos tratados ou *Summae de modis significandi* é o caso de Rogério Bacon: *Summa Grammaticae*, p. 118.

¹⁶ Damos no final do nosso estudo uma lista tão completa quanto possível, sobre esses estudos, alguns dos quais não pudemos utilizar. No entanto, integramo-los aqui para uma melhor e cuidada informação.

¹⁷ MCGRATH, *Die scotistische Phänomenologie des jungen Heidegger*, p. 243-258.

¹⁸ DEWALQUE, *Objectualité et domaine de validité sur la première partie de l'habilitationsschrift*, p. 55.

¹⁹ KÖSTLER, *Heidegger schreibt an Grabmann*, p. 97: “Aus der Feder des Freiburger Theologen Engelbert Krebs, der jahrelang meine Lehrstuhlvertretung für Philosophie betraut war, empfing der Mediävist Martin Grabmann”. OTT, *Martin Heidegger. Éléments pour une biographie*, p. 86.

²⁰ Carta publicada, com cópia do manuscrito e pequena introdução explicativa, editados por von Hermann Köstler: Heidegger schreibt an Grabmann, in *Philosophisches Jahrbuch*, p. 104: “Ihre freundliche Karte und ein Brief von Geh. Bäumker sind mir der wertvollste Ansporn für weitere Arbeiten auf dem Gebiet der mittelalterl. Scholastik u. Mystik”.

²¹ Heidegger schreibt an Grabmann, *Philosophisches Jahrbuch*, p. 104: “Zuvor möchte ich aber in den systematischen Problemen zu einer genügenden Sicherheit kommen, was auf eine Auseinandersetzung mit der Wertphilosophie u. Phänomenologie von innen herausabzielt”.

²² HEIDEGGER, GA, Bd. 1, p. 205-206.

Heidegger tem intenção de dar um novo tratamento ao conteúdo das doutrinas da significação e do categorial, em Duns Escoto, captando os elementos especulativos mais significativos e demonstrando consciente e sistematicamente a sua fundamentação teórica. Este propósito mostra, no fundo, o alcance do próprio tratamento dado à estrutura categorial, mais do que aquilo que o próprio Escoto teria tido consciência²³. Mas este tratamento alinha-se claramente por uma interpretação especulativa e sistemática, mas não histórica. Contudo, os estudos de Heidegger sobre a filosofia especulativa medieval não tiveram propriamente continuidade, como se veio a verificar, e o propósito ficou aquém do possível, na medida em que Heidegger, quando projetava dar, no semestre de 1918/19, na Universidade de Friburgo, *Die philosophischen Grundlagen der mittelalterlichen Mystik*²⁴, acabará por substituí-lo, pelo curso *Grundprobleme der Phänomenologie*²⁵. Na sequência disso mesmo, nos anos 1920/21, Heidegger dará ainda os cursos em Friburgo, sobre a *Fenomenologia da religião*, na interpretação fenomenológica das *Epístolas de São Paulo*, na leitura sobre o Neoplatonismo de Agostinho de Hipona, com a interpretação do livro X e do livro XI das *Confissões*, e finalmente, com a interpretação sobre a mística medieval²⁶, que mantêm a linha de continuidade reflexiva com o projecto delineado no seu *Scotusbuch* e que posteriormente, será quebrada. É precisamente sobre este ponto que alguns estudos consideram que há uma ligação que articula o momento da elaboração do *Scotusbuch* com os cursos de Friburgo realizados entre 1918 e 1921, e que estão reagrupados no tomo 60 das *Obras completas* do filósofo, consagradas também à mística medieval²⁷. No entanto, podemos ainda encontrar no curso de 1927, em Marburgo, intitulado *Die Grundprobleme der Phänomenologie*, o regresso às origens do seu projeto, quando Heidegger dedica, num dos capítulos da obra, um estudo sobre a tese da ontologia medieval, ainda que esta seja submetida a uma análise cerrada, em confrontação com a tese kantiana e seus desenvolvimentos na modernidade²⁸. De facto, nem mesmo aqui

²³ HEIDEGGER, GA, Bd. 1, p. 211: “Gewiss soll gerade durch diese Untersuchung der ganz bestimmten Schicht des Kategorialen diese Seite der scotischen Philosophie deutlicher und schärfer herausgestellt werden, als sie Duns Scotus selbst vielleicht zum Bewusstsein kam”.

²⁴ RICHARDSON, Heidegger: *Through Phenomenology to thought*, appendix, p. 665; T. Kisiel, no seu appendix B, *Heideggers Lehrveranstaltungen 1915-30*, esclarece também numa nota que o curso *Grundlagen der mittelalterlichen Mystik* foi cancelado devido a uma sobrecarga académica durante esse ano, acabando por ser substituído pelo curso *Grundprobleme der Phänomenologie*, p. 554. Podemos ainda encontrar as explicações de Heidegger numa carta dirigida à Faculdade de Filosofia, em agosto de 1919, em SHEEHAN, “Heidegger’s Lehrjahre”, p. 94 e sgs. e nota 81; CAMILLERI, *Phénoménologie de la religion et herméneutique*, p. 7-8.

²⁵ HEIDEGGER, *Die Grundprobleme der Phänomenologie*, Bd. 58.

²⁶ HEIDEGGER, *Phänomenologie des religiösen Lebens*, Bd. 60.

²⁷ CAMILLERI, *Phénoménologie de la mystique médiévale*. Les Notes de 1916-1919, p. 135.

²⁸ HEIDEGGER, *Die Grundprobleme der Phänomenologie*, Bd. 58.

Heidegger perde de vista a especulação escolástica medieval nos seus resultados finais, isto é, com as últimas manifestações sistemáticas da Escolástica através de Francisco Suarez.

1.2 O *Scotusbuch* e os inícios da especulação medieval

As circunstâncias históricas da situação académica de Heidegger vão despoletar o motivo para a segunda crítica que lhe fazem, quanto ao seu ‘oportunismo’ em face dos seus interesses académicos e profissionais. Torna-se importante esclarecer o percurso académico do jovem Heidegger nos seus primeiros anos. Na verdade, Heidegger depois dos seus estudos nos liceus jesuítas de Constance, (1903-1906), e de Friburgo (1906-1909) onde termina o *Gymnasium*, ingressa em 1909, no noviciado no seminário jesuíta em Tisis, perto de Feldkirche, vendo-se obrigado a sair por motivos de saúde. Poucas semanas após, ainda no inverno de 1909, ingressa no Seminário diocesano de Teologia de Friburgo. É aí que tem contacto com Carl Braig, professor de teologia sistemática e que muito contribuiu para a orientação do próprio filósofo²⁹. E é também aí que toma contacto pela primeira vez, com a obra de Husserl, as *Investigações lógicas*³⁰. Quando se inscreve no segundo ano de Teologia, nos inícios do semestre de inverno de 1910-1911, Heidegger, é forçado a interromper os seus estudos, novamente, por questões de saúde. Esta interrupção provisória acaba por ser definitiva. Para o jovem Heidegger esta situação implica uma mudança de rumo e a procura de orientação na sua vida intelectual e académica. Durante este período, Heidegger procura apoio para a continuação dos estudos, que o colocam numa encruzilhada de interesses intelectuais e académicos, cujos meandros são complexos, tal como descreve Hugo Ott na biografia do filósofo. Por um lado, mantém a sua ligação com o meio católico e o seu interesse pela filosofia escolástica medieval, mormente pela lógica medieval, por outro, tem uma forte motivação também para o estudo do pensamento moderno, com particular incidência na lógica moderna de Husserl. A sua tese de doutoramento, orientada por Arthur Schneider, demonstra precisamente esta conjugação. No rescaldo da sua dissertação, em 1913, Heidegger procura apoio e uma orientação a fim de encontrar uma posição académica que lhe seja favorável. Por esta altura, Heidegger tinha conseguido dois apoios importantes, o primeiro de Heinrich Finke e o segundo de Engelbert Krebs, que se notabilizou pelo seu estudo sobre a obra de Dietrich de Freiburg. Mas é, precisamente, através de Finke e de Schneider que foram desencadeados os meios para poder encontrar uma “bolsa

²⁹ OTT, *Martin Heidegger. Eléments pour une biographie*, p. 62. Através do curso de Carl Braig Heidegger toma conhecimento da obra do professor de Teologia sistemática: *De l'être. Précis d'ontologie*, 1896.

³⁰ Ibidem., p. 62.

de habilitação” para que o jovem Heidegger pudesse realizar a sua tese de *Habilitation*, tendo em vista a carreira científica e académica³¹. Heidegger obtém essa bolsa graças à diocese de Friburgo, através do bispo auxiliar Justus Knecht, e a que estava associada a Fundação Schälzer que tinha como finalidade apoiar os estudos na filosofia de São Tomás³². De facto, Heidegger ao orientar, agora, a sua investigação para a escolástica medieval, teria em vista candidatar-se, posteriormente, a uma cadeira de filosofia cristã na universidade de Friburgo, mas que acabará por não obter³³. É a partir deste acontecimento bem como de um sucessivo afastamento do catolicismo que provocará em Heidegger a necessidade de encontrar uma outra orientação filosófica e é precisamente esta ambiguidade que marcará decididamente a evolução do seu pensamento. Será portanto, na nossa opinião, demasiado simplista classificar e julgar a opção do jovem filósofo como de ‘oportunismo’, pois, no caso de Heidegger serão mais as circunstâncias históricas e existenciais que determinaram a sua orientação filosófica e cuja situação académica será resolvida posteriormente, com o apoio decisivo de Husserl. É portanto, pela conjugação de vários factores que farão com que Heidegger se decida pela via fenomenológica, ainda que o apelo às origens do seu pensamento se manterão genericamente ao longo da sua obra. Para além disso, e nas condições que acabamos de descrever, um outro factor importante relativamente ao pensamento de Heidegger convém esclarecer. Por que razão escolheu Heidegger Duns Escoto para dar início às suas investigações no âmbito da lógica e da especulação medieval? Na verdade, quando o filósofo terminava a sua tese de doutoramento sobre *A doutrina do juízo no psicologismo*, em 1913, o seu orientador Arthur Schneider professor titular da cadeira de filosofia cristã, incentiva-o a efetuar uma investigação aprofundada na lógica medieval, de forma, a que o trabalho sobre os problemas lógicos e sobre a teoria do conhecimento lhe fornecessem as bases que lhe permitissem chegar ao domínio total do ser³⁴. Mantendo esta linha de reflexão, no semestre de verão de 1916, em Friburgo,

³¹ Ibidem., p. 83-84.

³² Ibidem., p. 84.

³³ Ibidem., p. 96-100. Veja-se ainda Pasquale Porro, *Heidegger, la filosofia medievale, la medievistica contemporanea*, p. 439. Este artigo esclarece alguns aspetos da posição de Heidegger relativamente à medievística contemporânea e à filosofia medieval, no entanto, caba por retirar ilações negativas da postura heideggeriana em relação ao próprio objecto da historiografia medieval, em particular, na conclusão final do artigo. Não partilhamos esta posição, particularmente na p. 960: “Ciò che Heidegger ha lasciato in eredità alla medievistica contemporanea - a dispetto delle sue reiterate prese di posizione sull'ipoteca ‘teologica’ del pensiero medievale - è così soprattutto l'opportunità di affrancare la metafisica medievale tanto dai tradizionali presupposti confessionali: in altri termini, la possibilità di considerare la filosofia medievale come un'esperienza di pensiero degnata di interesse in quanto tale, a prescindere dalla sua appetibilità (anche ideologica) attuale. Se oggi si può studiare storicamente la metafisica medievale, senza proporla come verità atemporale e senza relegarla nel novero delle astrusità, lo si deve anche e forse soprattutto ad Heidegger: da un medievista mancato, se non addirittura da un apostata del pensiero scolastico, non ci si poteva aspettare di più”.

³⁴ HEIDEGGER, GA, Bd. 1, p. 186.

Heidegger dá um seminário juntamente com Engelbert Krebs sobre a lógica aristotélica³⁵. Na verdade, Heidegger tinha consagrado em 1912 um artigo dedicado às “Investigações recentes sobre a lógica (*Neuere Forschungen über Logik*)”, apoiando-se para isso, nos estudos modernos sobre a lógica, na obra de Emil Lask, bem como na obra de R. H. Lotze. É precisamente na obra deste último que Heidegger recupera elementos significativos a respeito da lógica de Duns Escoto, que o orientam para a procura de uma lógica pura (*reine Logik*), que concorre paralelamente com a obra de Husserl. O aspeto mais importante desta investigação era o carácter anti-psicologista da lógica³⁶. No entanto, no seu *Scotusbuch* parece que essa lógica pura não é de tão fácil aquisição, apesar de Heidegger considerar Duns Escoto como “o mais agudo dos escolásticos (*scharfsinnigsten aller Scholastiker*)”³⁷ e de reconhecer, no autor franciscano, um desenvolvimento do domínio lógico mais do que significativo. Porém, a Lógica estava intimamente associada a uma Teoria da significação, por isso, é que se pode falar, segundo Heidegger, de uma *Gramatica a priori* de cariz husserliano, cuja matriz, se encontra em Duns Escoto. É através da relação profunda, no sistema das significações e na relação intencional, que articula palavras e objectos intencionais, que Duns Escoto constrói (*constructio*) as formas de significação lógica e intencional de univocação, equivocação e analogia³⁸. É precisamente essa *constructio* que permite a organização dos *modisignificandi*, dos *modiintelligendi* e dos *modiessendi*.

1.2.1 A confrontação entre Tomás de Aquino e Duns Escoto no *Scotusbuch*

Heidegger não deixou de considerar também o próprio Tomás de Aquino como um autor de referência. Contudo, também sobre este ponto, muito se tem dito, relativamente à postura de Heidegger face a São Tomás na sua confrontação com Duns Escoto e a maior parte das vezes, de forma preconceituosa. Na verdade, afastámo-nos claramente do que é expresso por Boulnois no seu artigo a respeito da *Habilitation*, na medida em que é um *parti pris*, demasiado tendencioso e que se afasta claramente da verdade histórica e até mesmo do pensamento do filósofo. Declara Boulnois:

³⁵ Cf. RICHARDSON, p. 665: Übungem über Texte aus den logischen Schriften des Aristoteles (mit Krebs); Köstler, “Berichte und Diskussionen”, p. 97, nota n. 9: “Engelbert Krebs (1881-1950): Professor für Theologie in Freiburg. i. Br. 1915/1919. – Aussertheologischen Themenlehrte Krebs laut Freiburger Vorlesungsankündigungen auch philosophische Traktate, mit denen er auch bei den Ankündigungen der philosophischen Fakultät aufscheint. Im Sommersemester 1916 hielt er gemeinsam mit dem Privatdozenten Heidegger Übungen im philosophischen Seminar II über Texte aus den logischen Schriften des Aristoteles”.

³⁶ DEWARE, *Objetualité et domaine de validité*, p. 57.

³⁷ HEIDEGGER, GA, Bd. 1, 203.

³⁸ HEIDEGGER, GA, Bd. 1, p. 328.

Assim, depois de uma confrontação com o neo-kantismo, Heidegger volta-se para um outro objecto, o pensamento medieval na sua forma escotista. Confronta-se, portanto, com o neotomismo, arrancando a filosofia medieval dos trilhos da “filosofia perennis” e da “Weltanschauung” cristã, submetendo o tipo de pensamento escolástico à interpretação fenomenológica.³⁹

De facto, lendo atentamente verificámos que Heidegger pretende confrontar o pensamento do Aquinate com o de Duns Escoto para uma maior compreensão do domínio do categorial e dos aspectos lógicos, não tanto para o arrancar da linha de uma filosofia perene⁴⁰ e muito menos de uma “Weltanschauung cristã”, porque ambos os autores são cristãos. Para além disso, na carta de Heidegger a Grabmann, o jovem filósofo diz precisamente o contrário. Essa confrontação tinha, como finalidade: encontrar alguns paralelismos, valorizando para isso o pensamento filosófico de ambos os autores.

Outra sim é a posição de Heidegger relativamente à postura Romana de impor adoutrina de Tomás de Aquino para o mundo católico académico⁴¹. Além do mais, vemos que Heidegger, em vários momentos do seu *Scotusbuch*, refere explicitamente o pensamento de Tomás de Aquino, sem o citar expressamente, confrontando-o com o pensamento de Duns Escoto. Nas quatro alusões explícitas ao pensamento do Aquinate, há apenas uma única em que Heidegger, apoiando-se na leitura de H. Siebeck, refere que a especulação de Duns Escoto, relativamente ao aprofundamento do domínio “psicológico”, não se deve, preferencialmente, a Tomas de Aquino, mas antes ao *Doctorsubtilis*. Daí que Heidegger afirme:

É, precisamente, em Duns Escoto que H. Siebeck descobre “as origens da nova psicologia”. Porque não é Tomás de Aquino que na filosofia medieval faz verdadeiramente época, mas Duns Escoto. A substância da concepção de mundo recebeu, sem dúvida, através da codificação tomista uma estabilidade duradoura e um vigor que serviu, durante séculos, ao mundo clerical, como base de uma oposição aos sistemas e métodos novos; mas os traços característicos dessa renovação e dessa orientação são dados nos primeiros passos, pela crítica profunda e incisiva de Duns Escoto que não deixa de ofazer contra a sistemática tradicional. É ele o primeiro que redescobriu o mundo psíquico da experiência interior, tornando-o um estudo autónomo.⁴²

³⁹ BOULNOIS, *Entre logique et sémantique*, p. 263.

⁴⁰ Leia-se o que diz Heidegger a respeito da ‘philosophiaperennis’ na conclusão, numa nota de rodapé: o que ele pretende é efectuar uma leitura não tradicionalista da filosofia ‘atemporal’, tendo como base o estudo da lógica.

⁴¹ Heidegger manifesta-se contra o Motu Proprio de Bento XV, em “Non multo post” de 31 de Dezembro de 1914, no qual, o Sumo pontífice reitera o que é expresso na Encíclica Aeterni Patris, sobre a ideia de restaurar a filosofia cristã baseando-se no pensamento do doutor angélico, atribuindo-lhe uma autoridade imutável e perene para a Igreja católica. Heidegger insurge-se contra esta orientação Romana numa carta ao teólogo Engelbert Krebs e manifesta a sua crítica mordaz; Krebs partilha a mesma ideia e lamenta-se com Heidegger sobre um outro aspeto da postura Romana, quanto à questão do modernismo durante o pontificado de Pio IX, facto que abalou o próprio Krebs. Cf. OTT, Martin Heidegger. *Eléments pour une biographie*, p. 86-88.

⁴² Ibidem., Bd. 1, p. 283; [p. 110].

Neste preciso contexto, Heidegger salienta o facto de que, na filosofia medieval, Escoto renova um domínio específico como é o da análise cognitiva e do mundo psíquico do sujeito, como base do conhecimento e de uma teoria do mundo psíquico da experiência interior. Para além disso, o valor mais significativo da investigação escotista foi o facto "de deixar supor que elementinha expressamente separados os domínios da Lógica e da Psicologia"⁴³. No entanto essa distinção que, segundo Heidegger, Duns Escoto fez mostra também como a realidade psíquica não pode estar desligada da Lógica, na medida em que no juízo temos o ato pelo quelele é realizado e temos, por outro, o conteúdo e a significação desse juízo, que concerne a própria actividade do pensamento, ou seja, a lógica. "O Lógico, diz Duns Escoto, supõe o trabalho do psicólogo, o exame da actividade psíquica graças à qual estes resultados são realizados"⁴⁴.

Ademais a especulação escotista é neste caso exemplar na medida em que valoriza o indivíduo e o singular e que faz da análise dos factos empíricos e singulares uma proximidade com os elementos abstractos do pensamento. Neste sentido, há na reflexão escotista uma ponte que se estabelece entre a psicologia e a lógica, de uma forma mais acentuada do que na de Tomás de Aquino. Mas é precisamente na lógica que Heidegger procura confrontar e relacionar o pensamento do Aquinate com o de Duns Escoto. Lemos uma vez mais na carta enviada a Grabmann, que Heidegger manifestava o interesse (e notoriamente indo ao encontro da perspectiva de Grabmann) em estabelecer paralelismos e uma confrontação, ou seja, de colocá-los um em face do outro, Tomás de Aquino e Duns Escoto. Heidegger explica o seu trabalho de *Habilitation*: "É um trabalho iniciado através de uma confrontação (*Gegenüberstellung*) entre Tomás e Escoto, a respeito dos problemas lógicos, que a guerra interrompeu"⁴⁵. E referindo-se ao trabalho desenvolvido por Grabmann, Heidegger acrescenta: "A justo título, você dá muita importância ao tratado das categorias. Os paralelismos com Tomás de Aquino, na sua exposição, são muito pronunciados"⁴⁶. Percebemos melhor o alcance as afirmações de Heidegger através das notas explicativas dadas por Hermann Köstler sobre a carta de Heidegger, em que se lê que o jovem filósofo, naquela altura, manifestava o seu interesse pelo 3º volume

⁴³ Ibidem., Bd. 1, p. 284.

⁴⁴ Ibidem., Bd. 1, p. 286.

⁴⁵ Carta de Heidegger a Grabmann, p. 103: "Eine begonnene Arbeit, eine Gegenüberstellung von Thomas und Scotus bezügl. d. log. Probleme ist durch den Krieg unterbrochen worden".

⁴⁶ Carta de Heidegger a Grabmann, p. 103: "Mit Recht legen Sie viel Gewicht auf den Kategorienaufsatz. Die Parallelen mit Thomas treten sehr scharf hervor in Ihrer Darstellung".

da História do método Escolástico, com o propósito que ele próprio tinha planeado fazer no seu trabalho sobre Duns Escoto: confrontar Tomás de Aquino e Duns Escoto⁴⁷.

De facto, a especulação lógica de Tomás de Aquino reencontra no pensamento de Duns Escoto uma clara ressonância, mesmo que as soluções para a discussão dos problemas lógicos nem sempre sejam as mesmas. Verifica-se isso mesmo no primeiro capítulo da primeira parte do tratado, que trata do *unum*, entendido na sua natureza lógica, matemática e metafísica. O ponto de partida do Aquinate sobre a noção de número significa o prolongamento da reflexão de Duns Escoto quanto à sua determinação lógica e quanto aos problemas que levanta em relação à sua natureza participante da categoria da quantidade (*quantitas*), a partir da qual se justifica a divisibilidade do número e a sua continuidade. Por conseguinte, a quantidade enquanto sinónimo de mensurabilidade, suscita o problema da indivisibilidade e divisibilidade do número, e por isso, da sua multiplicação em função de uma *ratio mensurae*. Neste sentido, é discutido por Escoto o conceito de distância (*distantia*) que será entendido na linguagem escotista por número discreto (*Diesheit*). Declara Heidegger

Portanto, agora, parece que Duns Escoto retoma de São Tomás o conceito de distância que ainda há pouco ele rejeitava como insuficiente para a determinação do número. O facto está lá, e nós mostraremos nas reflexões, mais à frente⁴⁸.

Esta passagem mostra em primeiro lugar, como Heidegger confronta o pensamento de Duns e Tomás por uma via bem positiva, ainda que tenha ficado aquém daquilo que ele próprio pretenderia. Em segundo lugar essa confrontação é feita de forma pouco convencional. De facto, em páginas anteriores, no mesmo capítulo, dedicado ao *Unum*, a respeito da indagação acerca do número e da sua determinação em função da unidade e da sua última especificação, afirma Heidegger, aludindo a Tomás de Aquino:

Tomás de Aquino sustenta a ideia de que um número teria a sua determinação e a sua discreção (*Diesheit*) graças à sua unidade última, de modo que esta unidade não confere determinação absolutamente, enquanto unidade, mas é mediante a sua *distância* determinada (*bestimmten Abstandes*) pela relação à primeira destas unidades, cujo número se compõe. A determinação do número obtém-se assim, graças a esta distância (*Distanz*), todas as vezes, da última unidade em relação à primeira, no número considerado. Estas diversas distâncias (*Distanzen*) caracterizam os números e distinguem-nos uns dos outros. A função que confere forma e especificação (*Bestimmtheit*) pode realizar todas as vezes a última unidade, por um lado na medida em que ela é unidade e por outro na medida em que ela tem uma distância (*Distanz*) determinada em relação à primeira. Duns Escoto rejeita com vigor estas duas possibilidades.⁴⁹

⁴⁷ KOSTLER, “Berichte und Diskussionen”, p. 105: “Den Hinweis auf sein Interesse für den dritten Band der «Geschichte der scholastischen Methode» verbindet Heidegger mit der Ankündigung, dass er eine Gegenüberstellung von Thomas und Scotus in der Behandlung logischer Fragen plane”.

⁴⁸ HEIDEGGER, GA, Bd. 1, p. 249; [p. 75].

⁴⁹ Ibidem, Bd. 1, p. 238 [p. 66], Cf. Tomás de Aquino, I Sent. d. 24, q. 1, a. 3, ad 3.

A questão discutida é o que é que confere por um lado, especificidade a um número e por outro, quando esse número, não pode ser entendido a partir da unidade primeira, mas a partir da sua forma última de especificidade⁵⁰. Por outras palavras, trata-se de justificar a multiplicidade relativamente à unidade e a diferença que há entre os números e qual a razão matemática que permite essa distinção⁵¹. Heidegger cita os *Reportata* de Duns Escoto e, diz expressamente que o mestre franciscano rejeita estas duas possibilidades. A primeira é a tese de Tomás de Aquino. No entanto, vimos atrás que afinal, Escoto retoma a teoria de São Tomás, quando aceita a noção de distância aplicada à noção de número e à sua especificidade. A dificuldade desta discussão reside no facto de que Heidegger nunca cita os textos de Tomás de Aquino. Mas há ainda nesta passagem questões não clarificadas. Diz-nos Heidegger que a segunda teoria discutida por Escoto, relativamente a esta ‘distância’ entre a unidade primeira e sua especificidade última, é a de autor desconhecido.

A segunda teoria reportada por Duns Escoto é de um autor desconhecido. E parte do facto que o número é considerado como um fenómeno discreto, na sua distinção com o contínuo. Da mesma maneira que para este último, é a continuidade específica que faz a forma da unidade (por exemplo, na linha, a superfície ou o volume, determinados cada um por uma forma de continuidade), assim também o número recebe todas as vezes a sua determinação e a sua unidade a partir da discrição específica.⁵²

Mas de facto, Duns Escoto afirma, no texto dos *Reportata*, citado por Heidegger, que o autor da segunda teoria é, provavelmente, Aristóteles: “Alia opinio est, quae videtur esse secundum intentionem Aristotelis [...]”⁵³. Por que razão, diz então, Heidegger, que a autoria desta tese é de um autor desconhecido e não de que, segundo parece, é a opinião de Aristóteles? Para responder a esta questão só poderemos conjecturar. Talvez, porque lhe parece inverosímil que ela seja de Aristóteles, na medida em que o contínuo passa a ser definido essencialmente pela “discretio” e não pela unidade. Mas uma outra razão poderá ser esta: a de que Heidegger assumidamente não menciona Aristóteles e coloca em destaque a teoria de Tomás de Aquino que é, inicialmente, uma teoria rejeitada por Duns Escoto, mas que, finalmente, é retomada e assumida pelo mestre franciscano. É esta confrontação um pouco elíptica entre Duns Escoto e Tomás de Aquino que convém aqui realçar no tratado de Heidegger sobre Duns Escoto.

⁵⁰ Ibidem., Bd. 1, p. 239; cf. DUNS SCOTUS, *Reportata*, I, d. 24, q. unic. 272 b e ss.

⁵¹ HEIDEGGER, GA, Bd. 1, p. 248; cf. DUNS SCOTUS, *Quaest. sup. Metaphys.* V, q. 9, 251 a: *Ratio mensurae [...] magis inest discretis et continuis non nisi in quantum participant quantitatem discretam*”.

⁵² Ibidem., Bd. 1, p. 240; [p. 68].

⁵³ DUNS SCOTUS, *Reportata*, I, d. 24, q. unic. n. 6, p. 126.

1.2.2 A investigação histórica medieval

Na *Introdução*, Heidegger manifesta a importância da investigação histórica no vasto panorama da cultura medieval (*Die historische Erforschung der Gesamtkultur des Mittelalters*)⁵⁴. Embora a historiografia medieval *per se*, não seja manifestamente o objecto da sua especulação filosófica e sistemática sobre Duns Escoto, Heidegger não deixa de expor, em tópicos fundamentais, os elementos que constituem a investigação histórica dos estudos da história da filosofia medieval, apontando para a tarefa que é necessária ainda realizar para compreender a Idade Média. Para isso, realça os estudos de Clemens Bäumker e de Martin Grabmann, bem como da sua escola⁵⁵. De seguida, descreve, num quadro genericamente indicativo o programa prescritivo sobre o trabalho de investigação e de consolidação, a realizar sobre o vasto material que a Idade Média produziu e nos legou. Expomos aqui de forma programática o que Heidegger afirma:

- a) Estão ainda em estado inédito as *Sentenças* e as *Summas*, que são vastas obras de conteúdo filosófico.
- b) Há a necessidade de avaliar a influência de Aristóteles sobre a Escolástica, em particular, o estudo definitivo das traduções latinas e dos comentários a Aristóteles, dos quais, muitos deles estão ainda em estado de manuscrito. De igual modo, faltam também léxicos escolásticos de Aristóteles.
- c) Há ainda muito a esclarecer sobre o material inédito da Primeira e da Alta Escolástica, de forma a podermos ter uma ideia do estado de desenvolvimento que caracteriza a escola franciscana, em particular, como refere Heidegger, a que vai de São Boaventura a Escoto.
- d) Há ainda também muito a esclarecer sobre a influência do Aquinate e do seu alcance filosófico, bastante significativo, deixando por isso, um campo aberto de investigação.
- e) A necessidade de edição de textos, ainda inéditos, e a necessidade de completar o material com a ajuda da investigação histórica moderna, de modo a assegurar o ulterior trabalho de reflexão filosófica do pensamento escolástico⁵⁶.
- f) A partir dos resultados da investigação realizada no âmbito do pensamento filosófico medieval há a necessidade de se rever alguns preconceitos, como por exemplo, o

⁵⁴ HEIDEGGER, GA, Bd. 1, p. 193.

⁵⁵ Ibidem., Bd. 1, p. 193.

⁵⁶ Ibidem., Bd. 1, p. 193-194

carácter puramente formal da Escolástica e sobre a sua dependência «servil» diante de Aristóteles, bem como a sua posição de «serva» relativamente à teologia.

- g) A existência de certos preconceitos aplicados à história da filosofia na Idade Média e os resultados que daí advém, por vezes, erróneos ou insuficientes; só em ocasiões excepcionais se dá valor à especulação filosófica da Escolástica.
- h) O contraste entre as investigações na filosofia moderna, por comparação com a filosofia medieval. A importância das questões de método no âmbito da filosofia moderna e a importância do valor da coisa objectiva (*Der Sach-(Objekt)* wert sobre o valor do eu subjectivo. (*Ich-(Subjekt)wert*) na filosofia medieval⁵⁷.

Podemos depreender a partir de todos estes elementos que Heidegger elenca, um vasto programa para uma valorização do pensamento filosófico medieval, que hoje será partilhado pela maioria de todos aqueles que se dedicam ao seu estudo. O filósofo tinha consciência da necessidade e da importância da investigação história, bem como da análise crítica dos textos, assim como da necessidade de uma sólida formação filosófica, para se atingir o nível de validade teórica e especulativa da Idade Média. Só assim se poderá avaliar avasta produção medieval, que o trabalho do historiador da filosofia conjugará com a valorização teórica e sistemática da Escolástica. Só assim, segundo Heidegger, se poderá alcançar um verdadeiro conhecimento da imensa produção, abrindo o campo de investigação que ela oferece: o verdadeiro conhecimento do espírito vivificante da reflexão filosófica medieval. Na conclusão (*Schluss*) do seu trabalho, Heidegger ao extrair as consequências do seu labor, ultima, segundo a nossa opinião o que expõe nesta introdução. O dado de ordem especulativo mais significativo é a ideia segundo a qual a especulação filosófica escolástica medieval se deveria equacionar com o estudo da mística medieval.

No conceito do espírito vivo e da sua relação com a “origem” metafísica se abre um vislumbre da estrutura metafísica fundamental, na qual a singularidade, a individualidade dos seus atos se une a uma validação universal, a uma consistência em si, do sentido, numa unidade viva. Objetivamente considerado, se apresenta o problema da relação entre tempo e eternidade, mudança e validação absoluta, mundo e Deus, que se relecte no seu sentido científico e teórico na história (formação de valor) e na filosofia (apreciação de valor) Se se medita sobre a essência mais profunda da filosofia como cosmovisão, então, será errado desde o princípio a concepção da filosofia cristã da Idade Média como uma *Escolástica* oposta à *Mística*, da mesma época. Na cosmovisão medieval, escolástica e mística, pertencem essencialmente, uma à outra. Os dois pares de ‘opostos’: racionalismo e irracionalismo, escolástica e mística *não se sobrepõem*. E quando se tenta a sua identificação, esta assenta numa extrema racionalização da

⁵⁷ Ibidem., Bd. 1, p. 198.

filosofia. A filosofia como estrutura racional, separada da vida, é impotente (*Machtlos*), a mística, como experiência irracional, é sem rumo (*Ziellos*).⁵⁸

O que podemos realçar nesta importante passagem da conclusão da *Habilitation* é que Heidegger tinha como projecto uma confrontação, entre Escolástica e Mística, sem que ela desse lugar, quer a uma simples oposição, quer a uma simples identificação, e onde, dessa confrontação, pudesse daí advir qualquer encobrimento de uma em face da outra. A figura mais representativa da mística, que é nomeada por Heidegger, é o mestre Eckhart, autor da escola dominicana. É a este tipo de confrontação, que é também relação, que deveremos aplicar também à oposição entre Duns Escoto e Tomás de Aquino. O mais provável é que Heidegger ao chegar aos resultados da sua avaliação sobre o problema central das Categorias e ao sujeitá-las em primeiro lugar a uma análise das suas valências lógicas e ontológicas, e em seguida ao avaliá-la face a uma Teoria da significação, com claras consequências para a compreensão metafísica enquanto resultado final de todo o pensável, se tenha confrontado com a mística, entendida, como o outro lado, do pensável, e que está subjacente à riqueza vivencial, que a própria especulação filosófica medieval manifesta enquanto uma filosofia do espírito vivo.

2. A *Grammaticaspeculativa* e o domínio do Categorical

O primeiro capítulo da primeira parte abre a reflexão de Heidegger sobre a definição de *Grammaticaspeculativa*. Na verdade, Heidegger justifica o tema no amplo quadro dos estudos da lógica medieval. Para isso, dá uma primeira definição de *Grammaticaspeculativa* que é genérica. Notemos, aliás, que o título da obra atribuída naquela altura a Duns Escoto, se apresenta como *Grammaticaespeculativae*, quer dizer *Grammaticas especulativas*, cujo teor se prendia com os modos de significação, que se veio verificar a na proliferação de títulos similares. De facto, tal como demonstra Grabmann estes tratados começam a divulgar-se em Paris, a partir do século XIII, intitulando-se geralmente *Tractatus de modis significandi* ou ainda *Summae modorum significandi* enquadrando-se sistematicamente num género de literatura que justificam a existência de uma gramática lógica, num âmbito de reflexão filosófica⁵⁹. Heidegger define gramática especulativa como uma doutrina da significação, ou ainda como refere Grabmann, a respeito da tradução terminológica de Heidegger “Bedeutungsformen”⁶⁰,

⁵⁸ Ibidem., Bd.1, p. 410; utilizamos especialmente a tradução castelhana de Pedro Mantas España, p. 473 e confrontámos com a tradução francesa [p. 230-231].

⁵⁹ GRABMANN, *Die Entwicklung der mittelalterlichen Sprachlogik*, p. 115-118.

⁶⁰ Ibidem., p. 117: cf. HEIDEGGER, GA, Bd. 1, p. 203: “Dazu kommt, dass sich unter seinem Werken eine, um mit Husserl zu reden, ‘Formenlehre der Bedeutungen’ findet, die in wesentlichem Zusammenhang mit der

que exigem dois tipos de investigação: a) as condições históricas; b) a formação genética de um dado domínio científico no seio do próprio discurso⁶¹. Porém, o filósofo não envereda, por nenhuma delas, em particular, nas suas filiações históricas, na medida em que o seu trabalho pretende sobretudo, concentrar-se numa análise filosófica e sistemática em que a doutrina da significação é para ser entendida como totalidade do pensável (*All des Denkbaren*) que só pode ser atingida através de uma determinação teórica, na obra do autor medieval⁶². A segunda definição de *Grammaticaspeculativa* é tomada do próprio *corpus* escotista, a partir do qual Heidegger esclarece o seu sentido:

Queremos saber o que é a gramática, (enquanto teoria da significação) no sentido em que Escoto a trabalha; o seu próprio campo objectivo deve ser reconhecido, como um domínio particular. Somos assim reconduzidos a qualquer coisa de anterior, aos domínios objectivos e para isso é traçado o caminho, de modo que só assim a nossa tarefa pode cumprir-se.⁶³

Trata-se, portanto, de determinar por um lado, um campo de “objetualidade” do domínio das categorias e da significação, e por outro, que esse mesmo campo obedeça a um princípio de totalidade da ciência, no interior da qual, se destaca um domínio específico da doutrina da significação. Na verdade a investigação categorial deverá ser delimitada a partir de uma dada região do saber a partir de um ponto de vista completamente determinado (*ganz bestimtemten Gesichtspunkt*) no seu campo de aplicação lógico⁶⁴. É por esta razão também que, para Heidegger, Aristóteles legou-nos um estudo de uma determinada Categoria, válida para uma determinada região do saber humano, mas não uma teoria geral das Categorias. Considera, por isso, que Duns Escoto alarga o campo de compreensão e de aplicação das categorias aristotélicas, muito para além de uma classe de um domínio determinado.⁶⁵ Heidegger concebe o sistema das Categorias como uma arquitetônica para uma fundamentação da ciência, de forma muito semelhante à que pretendia Kant ou à que pretendia Aristóteles quanto à arquitetônica de uma Ciência arqui-fundadora que só se atinge no plano metafísico.

De facto o registo especulativo em torno da *Grammaticaspeculativa* coloca em destaque três domínios: 1) o domínio do discurso significativo – *modisignificandi*; 2) o domínio da lógica do discurso significativo; - *modiintelligendi*; 3) o domínio da especulação filosófica –

Kategorienlehre steht, insofern sie die verschiedenen kategorialen Formungen von ‘Bedeutung überhaupt’ herausstellt”.

⁶¹ Ibidem., p. 207.

⁶² Ibidem., p. 212.

⁶³ Ibidem., p. 210.

⁶⁴ Ibidem., p. 212.

⁶⁵ Ibidem., p. 211.

modiessendi. Com efeito o procedimento metodológico da primeira parte do tratado, explicita previamente as *Categorias* como quadro geral que justifica antecipadamente uma teoria da significação enquanto teoria das formas (*Formenlehre*) e das significações, ainda que as *Categorias* estejam para além quer do *enslogicum*, quer das próprias significações, quando estas entendidas de forma estrita, no interior de uma estrutura lógico-gramatical. Por sua vez, a teoria da significação é um domínio autónomo (*ein neues selbständiges*) ainda que a determinação completa da teoria da significação nos seja possível graças à parte geral da *Grammaticaspeculativa*⁶⁶. Porém, o *enslogicum* apesar de ser autónomo, e ser ele aquele que dá o sentido, também as significações estão-lhe directamente relacionadas, e há entre a estrutura lógica e as estruturas significativas uma natural coexistência, porque quer as significações quer o sentido são estruturas linguísticas. Como refere Isidoro Manzano, “O seu estudo [de Heidegger] particular sobre a *Bedeutungslehre*, como Ciência da significação, não é mais do que um esforço para integrar essa região do saber na reflexão filosófica. Heidegger, ao mostrar que essa região do saber tem a sua estrutura categorial própria, revela simultaneamente que ela é um dos problemas fundamentais que a filosofia deve abordar”⁶⁷. Heidegger salienta o facto de que Duns Escoto teve consciência de que as dez Categorias se aplicam fundamentalmente à realidade concreta. Contudo a reflexão escotista alarga consideravelmente o campo de aplicação, para o domínio das intenções (*Intentionen*) e de todas as outras formas ordenadoras de que a Lógica é representativa⁶⁸. Neste sentido a Lógica tem necessidade de utilizar as categorias que lhe são próprias, mas recorrendo às categorias que são inerentes à própria ontologia. Daí a necessária valorização do ente lógico, na sua dupla valência de *ens* e *non-ens*, sendo que, este último, não se inclui nas dez categorias do real. Ao *enslogicum* corresponde numa linha de horizontalidade transcendental: o *ensverum*, considerado como o *ensdiminitum*⁶⁹ e o *ensrationis*⁷⁰.

⁶⁶ Ibidem., p. 303.

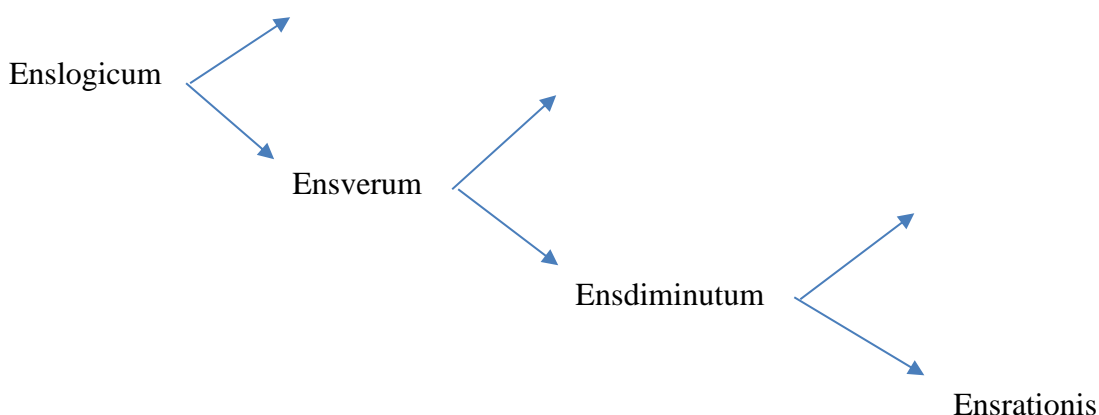
⁶⁷ MANZANO, La ‘*Habilitationsschrift*’ de M. Heidegger sobre Escoto, p. 325.

⁶⁸ HEIDEGGER, GA, Bd. 1, p. 287.

⁶⁹ Ibidem., p. 276; Cf. DUNS SCOTUS, *Quaest sup. Metaph.* VI, q. III, 346: “[*Ensverum*] estens diminutum etens logic umproprie”.

⁷⁰ Ibidem., p. 277; cf. DUNS SCOTUS, *Quodlibet.* q. I, n. 4: “*Ensrationisestita diminutum, quod non potest esse perfectio entis realis*”.

Esquema lógico-ontológico



Esta transcendentalidade horizontal, onde os transcendentais aparecem como convertíveis ao ente, deverá ser explicitada de seguida, numa transcendentalidade vertical. Chamamos transcendentalidade horizontal aquela que Heidegger entende como *Transzendenz* mas que não implica um Transcendente necessariamente⁷¹. Essa transcendentalidade horizontal deverá reflectir “a sua plenitude e a sua absolutidade e ela reside no indivíduo”⁷², quer dizer, ela deverá reconduzir ao ente enquanto ente, na sua máxima objectividade, adscrita essencialmente ao sujeito. É aqui que reside o que Heidegger designa por concepção ôntica-transcendental⁷³. Mas o *enslogicum* não tem a realidade da existência concreta, como tem o *ensnaturae*. Também esta oposição entre *ensrationis* e *ensnaturae* é reveladora de uma transcendentalidade vertical, que reporta por um lado, o *ensrationis* à própria alma, e por outro que o próprio domínio do real objectivo, do *ensnaturae*, se nos imponha, enquanto domínio objectivo da Metafísica⁷⁴. Mas a especulação escotista, bem como praticamente toda a especulação medieval, atribui uma importância capital ao Transcendente. Daí que haja uma subordinação de toda a realidade a esse fim Transcendente e que a análise das categorias, articulada com a teoria da significação e das formas de significação, no plano lógico e no plano do atos do sujeito, na esfera do conhecimento

⁷¹ O sentido que damos a esta ideia de transcendentalidade horizontal tem alguma ressonância a partir do que Heidegger explicita em *Ser e Tempo*, §§ 81, 82, quanto à ideia de uma temporalidade eckstática horizontal (*Die ekstatisch-horizontale Zeitlichkeit*) e por outro quanto interpretação do nivelamento (*Nivellierung*) desta temporalidade do tempo vulgar que produz o nivelamento do tempo presente, face à atemporalidade (*Temporalität*) enquanto negação da negação e a partir desta, rumo à eternidade, por meio de uma via *eminentiae*.

⁷² HEIDEGGER, GA, Bd. 1, p. 409.

⁷³ Ibidem., p. 407.

⁷⁴ Ibidem., p. 276; cf. DUNS SCOTUS, *Oxon.* I, d. 8, q. 4, n. 10: “Ens reale est perfectiu sensquomens, quode sttantumrationis”.

objectivo, se oriente para um plano trans-lógico e para a própria Metafísica. É a este último sentido que podemos chamar também, propriamente, de transcendentalidade vertical.

2.1 Os Transcendentia: Ens, Unum e Verum

Em traços largos podemos esquematicamente descrever os três primeiros capítulos da primeira parte do *Scotusbuch*. O primeiro capítulo trata do *unum* segundo uma tripla abordagem: enquanto *unum* matemático, natural e de concretização metafísica. O segundo capítulo dedica-se a explicar o mundo revelado pelo transcendental *verum* enquanto realidade lógica e o grau de concretização psicológica. O terceiro capítulo trata principalmente de expor o conteúdo das estruturas significativas, diretamente associadas com o discurso lógico e significativo.

Na breve introdução liminar à primeira parte, Heidegger expõe os elementos e as condições que possibilitam a investigação de uma dada região do saber, como é o da teoria da significação e da *Grammaticaspeculativa*. O campo objectivo que mostra claramente o campo de aplicação objetiva é um objecto determinado que se mantém diante de nós como qualquer coisa, isto é, como um objecto (*gegenübersteht*). E esse objecto (*Gegenstand*) é o ente. O *Ens*, declara Heidegger, pertence aos *maximescibilia*, tal como o refere Escoto no *Prólogo do seu comentário à metafísica*⁷⁵. Para explicitar o que se deve entender por *maximescibilia* no contexto da especulação escotista, Heidegger afirma:

Este ente pertence aos *maximescibilia* onde há duas as coisas a compreender: é um *maximescibile* o que é conhecido desde a sua primeira origem – aquilo que se entende menos no sentido genético-temporal do que no sentido lógico do termo “origem”. A palavra *maxime* tem aqui um valor lógico-teórico; caracteriza o elemento primordial do objecto, isto é, a objectividade ela mesma. O ente compreendido como *maximescibilia* na significação referida, não significa outra coisa senão a condição de possibilidade objectiva nela-mesma. Além disso, *maximescibile* pode significar o que se dá a conhecer com a maior certeza. Esta significação psico-noética, isto é, que diz respeito à subjetividade não nos interessa aqui. A primeira significação objectiva, do *maximescibile* mostra que o ente representa uma coisa última e suprema, além da qual não é possível procurar o que quer que seja⁷⁶.

O ente é o primeiro objecto e ele é dado em todo o objecto do conhecimento. Na verdade o ente significa o sentido global da esfera objectiva. Por isso Heidegger afirma que o ente permanece em todo e em cada objecto (*alles und jedes*), recuperando a definição primeira e mais comum de todas elas, sobre o ente: “Primum objectum est in subcommune omnibus”⁷⁷. Na verdade, o

⁷⁵ DUNS SCOTUS, *Quaest. Supe. Metaph.*, Prol. 4 b: “Maxime autem dicuntur scibilia dupliciter: vel quia primo omnium sciuntur, sine quibus non possunt alia sciri; vel quia sunt certissima cognoscibilia. Utroque autem modo ista scientia (scil. Metaphysica) considerat maximescibilia [...] Maximescibilia primo modo sunt comunissima, ut est ens in quantum ens et quaecumque sequuntur ens in quantum ens”.

⁷⁶ HEIDEGGER, GA, Bd. 1, p. 215; [p. 48].

⁷⁷ Ibidem., p. 214.; cf. DUNS SCOTUS, *Quaest. Sup. Meta.* IV, q. 1, 148 a.

ente significa o ponto em que nele se encontra tudo o que há de objectivo, mesmo que isso signifique que a coisa diante de nós não tenha recebido ainda nenhuma determinação, e por conseguinte, que ela seja incluída numa categoria determinada. Daí uma segunda concepção sobre o ente, entendido como: “Aliquid indifferen sconcipimus”⁷⁸. Isto significa, diz Heidegger, que “nós concebemos qualquer coisa de anterior, a toda a determinação de forma categorial”⁷⁹. O ente é, portanto, a categoria das categorias (*es ist die Kategorie der Kategorien*), e por isso mesmo, o ente significa também o sentido total de ser objecto e neste sentido ele é um *transcendens* (Ein Transcendens ist)⁸⁰. Ele é aquilo que finalmente dá o ser objecto aos objectos se não há nada que lhe seja anterior, pois ele é também o “das Letzte”, o último. As duas últimas propriedades transcendentais do ente, que são objecto de análise, são o ente enquanto *aliquid* (*Etwas überhaupt*), isto é, o ente enquanto alguma coisa e que essa coisa implica uma relação (*Beziehung*) do ente com ele próprio: “Nós dizemos: o «alguma coisa» é um «qualquer coisa», sem que esta banalidade aparente nos faça ir além do objecto. E contudo, existe numa tal proposição um coeficiente fecundo, o da relação (*Beziehung*)”⁸¹.

Heidegger vê nesta relação do ente com ele próprio, a relação do uno com o outro (*das Eine und das Andere*) e introduz a *Heterothesis*, como uma das últimas expressões fundamentais do *unum* relativamente ao *multum* e do mesmo (*idem*) em relação ao seu contrário: “idem et diversussunt contraria immediata circa ens et convertibilia”⁸². É aproveitando esta distinção entre o ente e o não-ente, enquanto “outro” que reconduz à diferença entre o número e o uno. A partir daqui Heidegger passa a explorar a relação (*Beziehung*) e os seus membros correlativos, no seio da *Heterothesis*. Para isso, desenvolverá nas páginas seguintes deste capítulo o Uno e o Outro enquanto transcendentais que serão avaliados, quer no domínio da matemática, do mundo natural, e por fim, na perspectiva metafísica.

Contudo, dever-se-á assinalar que os transcendentais, *unum* e *verum*, apesar de serem comveríveis no ente, não são tão originários quanto o ente, e por isso, são considerados como “quasi-propriedades” deste ente. O *ens commune* é entendido como a categoria originária (*Urkategorie*) do objecto. Por outro lado, Heidegger filia a sua leitura de Escoto numa linha de orientação fenomenológica e kantiana, ao privilegiar, unicamente, o primeiro sentido do *maximescibile* com a sua prioridade lógica, em virtude da qual, ele é “objecto” e objectividade.

⁷⁸ Ibidem., p. 214.

⁷⁹ Ibidem., p. 214; [p. 48].

⁸⁰ Ibidem., p. 216; cf. DUNS SCOTUS, *Oxon.* I, d. 8, q. 3, 598 a e sgs.n. 19.

⁸¹ Ibidem., p. 216; [p. 50].

⁸² Ibidem., p. 218; cf. DUNS SCOTUS, *Quaest. sup. Metaph.* V, q. 12, 293 a.

Já para Duns Escoto o duplo sentido do *maximescibile* anteriormente discutido pertence à metafísica: o primeiro que concerne o *enscommunissime*, que é o primeiro de todas as coisas que são conhecidas e sem o qual nada pode ser conhecido, e o segundo que é os *certissima cognoscibilia*, os cognoscíveis indubitavelmente conhecidos⁸³. Mas este último sentido não interessa nada a Heidegger porque, contrariando a posição de Aristóteles, que deduz os princípios fundadores da ciência, a partir da categoria da causalidade⁸⁴, para Heidegger, e seguindo Duns Escoto, não se pode aplicar a categoria da causalidade ao ser lógico, pois este não possui existência real⁸⁵. Parece ser claro, por isso, que nesta obra, o lugar da confrontação positiva é entre os autores medievais, e não com Aristóteles, pois este é relevado para segundo plano.

Conclusão

Não pudemos analisar, em detalhe, nem mesmo em sobrevoo a integralidade do tratado de Heidegger sobre a doutrina das Categorias e da teoria da significação em Duns Escoto. Demos conta, contudo, de alguns aspectos mais significativos da obra e tentamos mostrar outros elementos que consideramos pouco explorados até ao momento. Um deles, consistiu na confrontação entre Duns Escoto e Tomás de Aquino como modelo de exploração significativa e lógica. Essa confrontação vem precisamente revelar o que está por detrás do tratamento que Heidegger pretendia fazer à escolástica medieval enquanto estrutura de pensamento de uma época.

As categorias revelaram ser também um questionamento importante. Elas serão novamente fonte de indagação no curso de Marburgo, em 1926, *Die Grundbegriffe der antiken Philosophie*, onde, Heidegger expondo as categorias aristotélicas e estoicas analisa-as em função da crítica de Plotino.⁸⁶

⁸³ Para uma análise do Prólogo da exposição de Duns Escoto à Metafísica e da importância da discussão escotista sobre a tese de Tomás de Aquino quanto aos *maximescibilia*, pode ler-se o nosso artigo: BRITO MARTINS, *La beatitudo et le désir chez Duns Scot: beatitudo est frui summo bono*, p. 649-654.

⁸⁴ DUNS SCOTUS, *Quaest. Sup. Metaphy.* Prol., n. 21-22, p. 10: “certissima cognoscibilia sunt principia et causae, et tanto secundum se certiora quanto priora [...]”.

⁸⁵ HEIDEGGER, GA, Bd. 1, p. 276.

⁸⁶ BRITO MARTINS, “O Neoplatonismo no pensamento de M. Heidegger”, p. 266-273.

Referências

Bibliografia primária

HEIDEGGER, M. *Die Kategorien und Bedeutungslehre des Duns Scotus*. Tübingen: J. C. Mohr, 1916.

_____. *Phänomenologie des religiösen Lebens*, 1. Enleitung in: *Die Phänomenologie der Religion*, 2. Augustinus und der Neuplatonismus, 3. Die philosophischen Grundlagen der mittelalterlichen Mystik. Frankfurt am Main, 1995.

SCOTUS, Johannes Duns. *Opera omnia*. Vivès, 1891-95.

_____. *Opera omnia*, XI,1. Hildesheim: Georg OlmsVerlagsbuchhandlung, 1969.

SANCTI THOMAE AQUINATIS. *Metaphysicam Aristotelis Commentaria*. Cura et studio M.-R. Cathala: Taurini, Marietti, 1926.

Traduções

BABOLIN, Albino. La dottrina delle categorie e dei significato, In: *Duns Scotus*. Roma, Bari: Laterza, 1974.

ROBBINS, Harold J. *Duns Scotus theory of the categories and of meaning*. Ann Arbor (Mich.): University Microfilms International, 1988.

Bibliografia secundária

ARRIEN, Sophie-Jan; CAMILLERI, Sylvain (eds.). *Le jeune Heidegger (1909-1926). Herméneutique, phenomenology, théologie*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 2011.

BABOLIN, A. Prefazione a M. Heidegger, In: *La dottrina delle categorie e del significato in Duns Scotus*. Roma, Bari: Laterza, 1947, p. VII-XXIV.

BERCIANO, Modesto. Duns Escoto en la interpretación de M. Heidegger, In: *Naturaleza y gracia*, 41, 1994, p. 297-317.

BERTELLONI, C. F. Heidegger, 1916-1921. Hegelianismo y filosofía medieval en los orígenes del pensamiento heideggeriano, In: *Cuadernos de filosofía*, 19, 1983, p. 135-141.

BESOLI, S. I. I fondamenti della critica allo psicologismo e della realtà onto-logica negli scritti giovanili di M. Heidegger, In: *Annali dell'Istituto di Scienze Filosofiche*, Università di Bologna, 2, 1980-81, p. 97-127.

BOULNOIS, Olivier. Entre logique et sémantique. Heidegger lecteur de Duns Scot. In: COURTINE, J.-F. (éd.). *Phénoménologie et Logique*. Paris: Presses de l'École Normale Supérieure, 1996, p. 261-281.

BRITO MARTINS, M. Manuela. O Neoplatonismo no pensamento de M. Heidegger. In: PINHEIRO, Marcus R. e FILHO, Celso Matins Azar (org.). *Neoplatonismo, mística e linguagem*. Niterói: Editora da UFF, 2013.

_____. La beatitude et le désir chez Duns Scot: beatitudo est frui summo bono, In: *Quaestio*, 15, 2015, p. 649-662.

CAMILLERI, Sylvain. *Phénoménologie de la religion et herméneutique théologique dans la pensée du jeune Heidegger. Commentaire analytique des Fondements philosophiques de la mystique medieval (1916-1919)*. Dordrecht: Springer, 2008.

CAPUTO, John D. Phenomenology, Mysticism and the “GramaticaSpeculativa”: A study of Heidegger’s “Habilitationsschrift”, In: *Journal of the British Society for Phenomenology*, vol. 5, nº 2, , 1972, p. 101-116.

DE VITIIS, P. La dottrina delle categorie e del significato in Duns Scotus, In: *Rivista di Filosofia neoscolastica*, 68, 1976, p. 158-162.

DENBOK, N. Scotus’s theory of contingency from a (post)modern perspective: some important developments of the notion of contingency after Duns Scotus. In: SILEO, L. (ed.). *Via Scoti: Methodologica admentem Joannis Duns Scoti*, vol. 1. Attidel Congresso Scotistica Internazionale, Roma 9-11 marzo 1993, Antonianum. Roma, 1995, p. 431-444 [em particular, sobre Heidegger, p. 437-441].

DEWALQUE, Arnaud. Objectualité et domaine de validité de la première partie de l’*Habilitationsschrift*. In: CAMILLERI, Sylvain e ARRIENET, Sophie-Jan (ed.). *Le jeune Heidegger (1909-1926). Herméneutique, Phénoménologie, Théologie*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 2011.

GRABMANN, Martin. *Mittelalterliches Geistesleben*. Abhandlungen zur Geschichte der Scholastik und Mystik, Bd. I. München: Max Hueber Verlag, 1926.

HONNEFELDER, L. Duns Scotus/Scotismus III. In: *Theologische Realenzyklopädie*, Bd. IX. Berlin-New York: Walter de Gruyter, 1982, p. 232-240.

KISIEL, Theodore. *The genesis of Heidegger’s Being and Time*. Berkeley, Los Angeles/ London: University of California Press, 1993.

KLÖSTER, H., Heidegger schreibt an Grabmann, In: *Philosophisches Jahrbuch*, 87, 1980, p. 96-105.

KOLMEL, W. Heidegger und Duns Scotus. In: SILEO, L. (ed.). *Via Scoti: Methodologica admentem Joannis Duns Scoti*, vol. 2. Attidel Congresso Scotistica Internazionale, Roma 9-11 marzo 1993, Antonianum. Roma, 1995, p. 1145-1155.

- LEHMANN, Karl. Metaphysik, Transcendentalphilosophie und Phänomenologia in den ersten Schriften Martin Heideggers (1912-1916), In: *Philosophisches Jahrbuch der Görresgesellschaft*, 71, 1963-64, p. 331-357.
- MANTASESPANÃ, Pedro. La ‘conclusión’ de a tesis de habilitación de Heidegger, traducción y comentário, In: *Cauriensia*, vol, 7, 2012, p. 451-747.
- MANZANO, I. La “Habilitationsschrift” de M. Heidegger sobre Escoto, In: *Verdad y Vida*, 24, 1966, p. 305-325.
- McGINLEY, J. W. *Miasma. “Haecceitas” in Scotus, the esoteric in Plato and other related matters*. Lanham-New York-London: University Press of America, 1996.
- McGRATH, Sean J. Heidegger and Duns Scotus on truth and language, In: *The review of metaphysics*, vol. 57, nº 2, , 2003, p. 339-368.
- MOTTA, G. Heidegger interprete di Duns Scoto. Un primo tentativo di superamento del la metafísica. In: BÉRUBÈ, C. (ed.) *Regnum Hominis et Regnum Dei*. Acta quarti Congressus Scotistici Internationalis, Societas Internationalis Scotistica. Roma, 1978, p. 435-446.
- OTT, Hugo. *Martin Heidegger: Unterwegs zu seiner Biographie*. Frankfurt/M. Campus, 1988; trad. franc. : *Eléments pour une biographie*. Traduction de J. M. Beloeil. Paris, Éditions Payot, 1990.
- POGGI, S. *La logica, la mistica, il nula: una interpretazione del Giovane Heidegger*. Pisa: Edizioni della Normale, 2006.
- PONTOGLIO, O. La dottrina scotista dell “intenzionalità” nell interpretazione di M. Heidegger. In: *De Doctrina Johannis Duns Scoti*, vol. IV. Roma: Resina-Poligrafica & Carvalori, Ercolano, 1968, p. 653-657.
- PREZIOSO, E. A. La riscoperta semantica di M. Heidegger nel pensiero di Duns Scotus, In: *Rassegnadi Scienze*, 25, 1972, p. 159-178.
- QUESNE, P.H. *Les Recherches philosophiques du jeune Heidegger*. Dordercht-Boston-London: Springer, 2004.
- RAMPLEY, M. Meaning and language in early Heidegger. From Duns Scotus to Being and Time, In: *Journal of the British Society for Phenomenology*, 25, 1994, p. 209-228.
- RICHARDSON, W. J. *Heidegger: through phenomenology to thought*. The Hague: Nijhoff, 1963.
- ROBBINS, H. Introduction a M. Heidegger. In: *Duns Scotus’ theory of the category and of meaning*. Michigan: Ann Arbor, 1980, p. I-XXXVI.
- SAVIGNANO, A. Lascuola scotista nella “Habilitationsschrift” di M. Heidegger. In: G. LAURIOLA (a cura di). *Scienza, filosofia e teologia*. Bari: Levante, 1993.

SHEEAN, Thomas. Heidegger's Lehrjahre. SALLIS, J. C.; MONETA, G.; TAMINIAUX, J. (eds.). *The Collegium Phaenomenologicum. The first ten years*. Dordrecht/Boston/London: Kluwer, 1988.

STEWART, R. M. *Signification and radical Subjectivity in Heidegger's "Habilitationsschrift"*, In: *Man and World*, 12, 1979, p. 360- 386.

USCATESCU, J. Ecos de Duns en Heidegger y el pensamiento contemporâneo. In: BÉRIBÉ C. (ed.). *Homo etmundus*. Acta quinti Congressus Scotistici Internationalis. Roma: Societas Internationalis Scotistica, 1984, p. 543-549.

WUCHERER-HULDENFELD. Zu Heideggers Verständnis des Seins bei Johannes Duns Scotus und im Skostismus sowie im Thomismus und bei Thomas von Aquin. In: VETTER, H. (org.). *Heidegger und das Mittelalter. Wiener Tagungen zur Phänomenologie – 1997*. Frankfurt am Main-Bern-New York: Peter Lang, 1999.